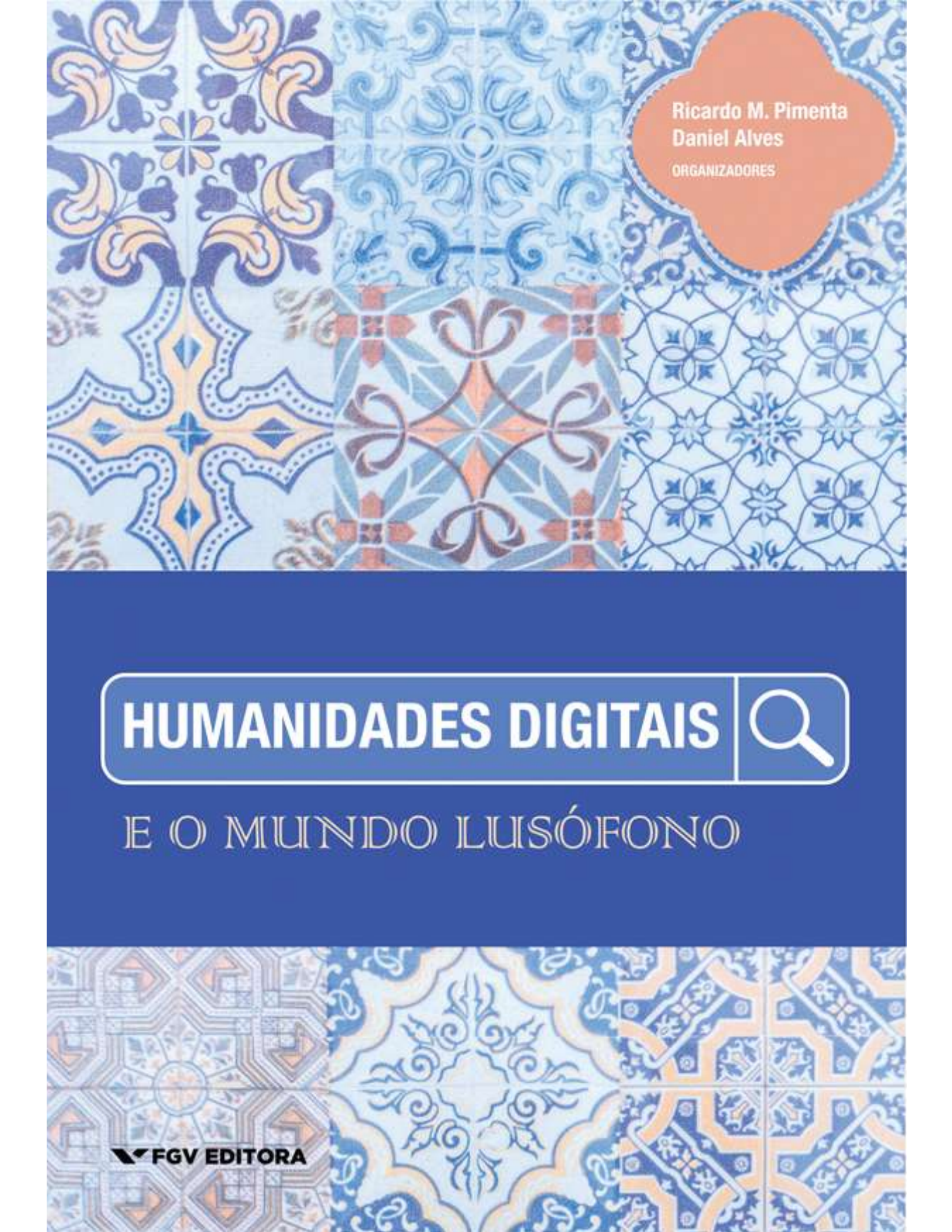




Ricardo M. Pimenta
Daniel Alves
ORGANIZADORES

HUMANIDADES DIGITAIS



E O MUNDO LUSÓFONO

 FGV EDITORA

COMITÉ CIENTÍFICO

Rita Marquilhas (Universidade de Lisboa)

Manuel Portela (Universidade de Coimbra)

Dália Guerreiro (Universidade de Lisboa)

Gimena del Rio Riande (CAICYT/CONICET; Universidade de Buenos Aires)

Sarita Albagli (IBICT)

Ivana Bentes (Universidade Federal do Rio de Janeiro)

 **FGV EDITORA**

**Ricardo M. Pimenta
Daniel Alves**
ORGANIZADORES

HUMANIDADES DIGITAIS



E O MUNDO LUSÓFONO



Copyright © 2021 Ricardo M. Pimenta e Daniel Alves

Direitos desta edição reservados a
FGV EDITORA
Rua Jornalista Orlando Dantas, 9
22231-010 | Rio de Janeiro, RJ | Brasil
Tels.: 0800-021-7777 | 21-3799-4427
Fax: 21-3799-4430
editora@fgv.br | pedidoseditora@fgv.br
www.fgv.br/editora

Todos os direitos reservados. A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação do copyright (Lei nº 9.610/98).

Os conceitos emitidos neste livro são de inteira responsabilidade dos autores.

1ª edição – 2021

Revisão de texto: Janayne Carvalho do Amaral

Capa: Estúdio 513

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Humanidades digitais e o mundo lusófono / Organização Ricardo M. Pimenta,
Daniel Alves. – Rio de Janeiro : Editora FGV, 2021.
375 p.

Inclui bibliografia.
ISBN: 978-65-5652-070-4

1. Humanidades digitais. 2. Ciência da informação. I. Pimenta, Ricardo
Medeiros. II. Alves, Daniel R. III. Fundação Getulio Vargas.

CDD – 306

Elaborada por Rafaela Ramos de Moraes –CRB 7/6625

Sumário

Prefácio

GIMENA DEL RIO RIANDE ----- 8

Apresentação

RICARDO M. PIMENTA
DANIEL ALVES----- 12

TRACEdb: Construcción de un archivo digital para investigadores de Humanidades Digitales

ALEJANDRO BIA
JESÚS JAVIER RODRÍGUEZ-SALA----- 15

WebSinC: buscas *on-line* em corpora sintaticamente anotados

ALINE SILVA COSTA
CRISTIANE NAMIUTI----- 37

Lisboa operária na última década do século XIX: um Sistema de Informação Geográfico aplicado à investigação histórica

ANA ALCÂNTARA----- 48

Novos desafios para antigas fontes: a experiência DOVIC na nova linguística histórica

CRISTIANE NAMIUTI
JORGE VIANA SANTOS----- 69

Narrativas transmédia como performances de leitura

FERNANDA BONACHO----- 90

A fotografia digital na transposição de documentos manuscritos históricos

JORGE VIANA SANTOS
GIOVANE SANTOS BRITO----- 103

Métodos não supervisionados de *clustering* para a análise de textos literários: a seleção de materiais sobre grandes volumes de *corpus*

MARÍA LUISA FERNÁNDEZ RODRÍGUEZ
ROBERTO SAMARTIM----- 116

Comunicação digital em museus e instituições de património cultural do Alentejo:
estado da arte

NICOLA SCHIAVOTTIELLO

JOÃO BRIGOLA -----133

A obra potencial – para uma edição digital dos projetos editoriais de Fernando Pessoa

PEDRO SEPÚLVEDA

ULRIKE HENNY-KRAHMER -----161

O uso de mapas interativos como ferramenta de aprendizagem colaborativa e
multimodal

SÍLVIA ARAÚJO

DIOGO CUNHA

ADRIANA SILVÉRIO

FRANCISCO ABRUNHOSA -----175

A Digital Platform for Literary Translation: collaborative translation and teaching

SUSANA VALDEZ

ISABEL OLIVEIRA MARTINS -----195

Projeto Corpus Eletrónico de Documentos Históricos do Sertão: a documentação
epistolar

ZENAIDE DE OLIVEIRA NOVAIS CARNEIRO

MARIANA FAGUNDES DE OLIVEIRA LACERDA -----215

Humanidades Digitais e as instituições memoriais brasileiras: evolução em descompasso

AQUILES ALENCAR BRAYNER -----234

Sistemas de Informação para a Ciberdemocracia

RENATA MENDES DE ARAUJO -----249

Uso de Mineração de Dados no contexto eleitoral brasileiro: um caso de pesquisa à
luz das Humanidades Digitais

JOSIR C. GOMES

MARCO SCHNEIDER

RICARDO M. PIMENTA -----267

Análise e mapeamento da organização técnica dos acervos digitais das instituições federais vinculadas ao Ministério da Cultura: fontes de informação para o desenvolvimento das Humanidades Digitais

DALTON LOPES MARTINS

JOYCE SIQUEIRA -----283

O processo de representação de ativos de informação: Web Semântica e Web de Dados no contexto das Humanidades Digitais

CLÁUDIO JOSÉ SILVA RIBEIRO -----310

Humanidades Digitais, Memória e Filatelia: uma aplicação prática para a Web

DIEGO A. SALCEDO -----330

A arte espectro neural no limiar das ciências e tecnologias: uma luta pela qualidade da vida

LUIZA HELENA GUIMARÃES -----349

Sobre os autores-----369

Ana Alcântara

“O passado não pode existir no tempo: somente no espaço.”
(ETHINGTON, 2007, p. 465, tradução nossa)¹

As considerações de Ethington (2007) – uma reflexão muito completa e pertinente tanto em termos históricos como conceptuais – sobre o papel das metáforas espaciais e conceitos na compreensão do tempo histórico conduzem-nos à percepção de um espaço e tempo tão intimamente entrelaçados, que o conhecimento do passado só é alcançado se não se isolar um deles. Sendo que “o espaço não é inocente” (OYÓN, 2009, p. 387, tradução nossa)², a variável espacial, o “onde”, tem de ser assumida como elemento fundamental para explicação e análise de questões relacionadas com a história social e urbana – pois “diversas questões de fundo da história social [...] podem matizar-se ou até adquirir mais sentido quando se territorializam na esfera da casa, do bairro, da cidade inteira” (p. 320).

² Língua original: Espanhol.

Esta forma de ver a espacialidade dos fenómenos e processos, tanto em termos históricos como sociais, foi grandemente fomentada pela publicação de *La production de l'espace*³ de Henri Lefebvre. Este autor introduziu a ideia de que o espaço não é simplesmente uma geografia natural nem um contentor vazio que foi sendo cheio pela História, sendo antes algo que a humanidade foi produzindo ao longo do tempo, já que as relações no e com o espaço se alteram. O espaço é por si só histórico e reflete as mudanças e evoluções das comunidades humanas. Esta atenção dedicada à questão espacial, nomeadamente à forma como as modificações dos espaços e das relações entre eles explicam e implicam alterações no tempo, não era então um movimento completamente novo. Já com a escola dos Annales, em autores como Marc Bloch e, fundamentalmente, Fernand Braudel – que concebe o tempo histórico como decorrendo em três níveis, o da “longa duração”, o da “conjuntura” e o dos “eventos” – surge como inconcebível uma “história total”, se desligada do espaço onde decorrem os processos.

A ideia do território como uma construção social complexa que afeta as práticas e perceções humanas e a sua importância e influência na reprodução social conduziram, em grande medida, ao interesse de alguns historiadores em utilizar tecnologias e metodologias desenvolvidas para outras áreas do conhecimento científico e aplicá-las nas questões da investigação histórica⁴. Nota-se, portanto, um crescente interesse em “localizar” o passado, em apor a evolução temporal à variação espacial – movimento conhecido por *spatial turn* – revelando a intenção em entender o papel do espaço no desenrolar da História humana (BODERNHAMER; CORRIGAN; HARRIS, 2010). Procuram-se, assim, novas perspetivas no examinar/reexaminar de relações, padrões e contextos que emergem quando a História das comunidades humanas é deslindada através de uma lente “espacial”. O âmbito da análise espacial dos fenómenos históricos situa-se, no fundo, no exame de atributos e relações entre os dados, levando em conta a localização de um acontecimento ou de um processo em estudo. Esta pode ser feita de forma simples, através da observação do fenómeno e de sua distribuição

³ A primeira edição desta obra é datada de 1974.

⁴ Nomeadamente os Sistemas de Informação Geográficos e as metodologias relacionadas com estatística espacial, de que são exemplo os seguintes estudos: Bodenhamer, Corrigan e Harris (2010); Frank (2007); Gregory e Ell (2007); Healey e Stamp (2000); Knowles (2000, 2002); Schwartz (2011); Silveira et al. (2011).

A preponderância que pretendo dar à perspectiva espacial ditou a necessidade da criação de um Sistema de Informação Geográfico (SIG) que inclui toda a informação depois de georreferenciada. Isto significa que, sempre que possível, foi atribuída uma localização precisa, nomeadamente ao nível da rua e número da porta, a cada estabelecimento industrial, núcleo de habitação e associação operária. Deste modo, foi possível relacionar diferentes tipos e camadas de informação – qualitativas ou quantitativas; geográficas, económicas ou históricas – referentes a fábricas, associações ou aglomerados de habitação operária.

A aplicação desta ferramenta digital ao trabalho do historiador, tanto na vertente de investigação como na de divulgação, é uma prática que começou a surgir no final da década de 90 do século XX, sendo internacionalmente reconhecida como *Historical GIS* (HGIS). O emprego dos SIG na indagação do passado consiste, grosso modo, na construção de bases de dados que integrem informação cartográfica georreferenciada, sobre a localização de determinadas entidades com informação quantitativa e/ou qualitativa associada. Os vários níveis de dados, resultado da compilação crítica e fundamentada de informação histórica, e a cartografia digital daí resultante poderão ser comparados, sobrepostos, “questionados” de forma a serem exploradas alterações que ocorreram tanto a nível espacial como temporal. Tal como apontado por Knowles (2000), em seu artigo considerado fundador da conceptualização dos HGIS, a utilização das ferramentas e metodologias SIG é mais frutífera em investigações históricas que, para além de se usarem dados passíveis de serem representados através de pontos, linhas ou áreas, se pretende analisar e representar grandes volumes de dados. E, assim, testar hipóteses que relacionem entidades representáveis no espaço e/ou em pesquisas inerentes às alterações de padrões espaciais.

De facto, a importância e a mais-valia da utilização de um SIG numa investigação como esta que aqui apresentamos advém do facto de ser uma infraestrutura capaz de cruzar e gerir uma enorme quantidade e diversidade de dados. O grande desafio consiste em ir além das suas capacidades de representação cartográfica e de o explorar enquanto “ferramenta de gestão [e análise] de informação” (ELL, 2010, p. 148, tradução nossa)⁶, geradora de novas

⁶ Língua original: Inglês.

hipóteses e explicações históricas. Procurando, deste modo, “chegar mais perto da complexidade das alterações e da realidade histórica” (SCHWARTZ; GREGORY; MARTI-HENNEBERG, 2011, p. 252)⁷ lisboeta da década final do século XIX e “apontar uma ligação contingente entre alterações na estrutura da sociedade” (MOORE, 2010, p. 40).

A construção de um SIG permite associar, relacionar e explorar espacialmente múltipla informação relativa às vertentes do quotidiano operário analisadas – laboral, habitacional e de associação – proveniente das várias fontes primárias e secundárias assim como de diferentes fundos arquivísticos⁸. A georreferenciação destes dados possibilita a criação de cartografia digital detalhada da localização e caracterização das fábricas, das aglomerações habitacionais dos operários e dos seus espaços de associação e intervenção política. Permite, deste modo, deslindar e estudar a implantação industrial e operária no espaço urbano da capital deste período, possibilitando novas perspetivas de conhecimento deste processo histórico ao relacioná-lo com a sua localização. Por outro lado, das sobreposições e hiatos territoriais destes aspetos do quotidiano surge a clarificação do papel e da importância da indústria e do operariado na Lisboa do final do século XIX.

LOCAIS DE TRABALHO – Fábricas e oficinas

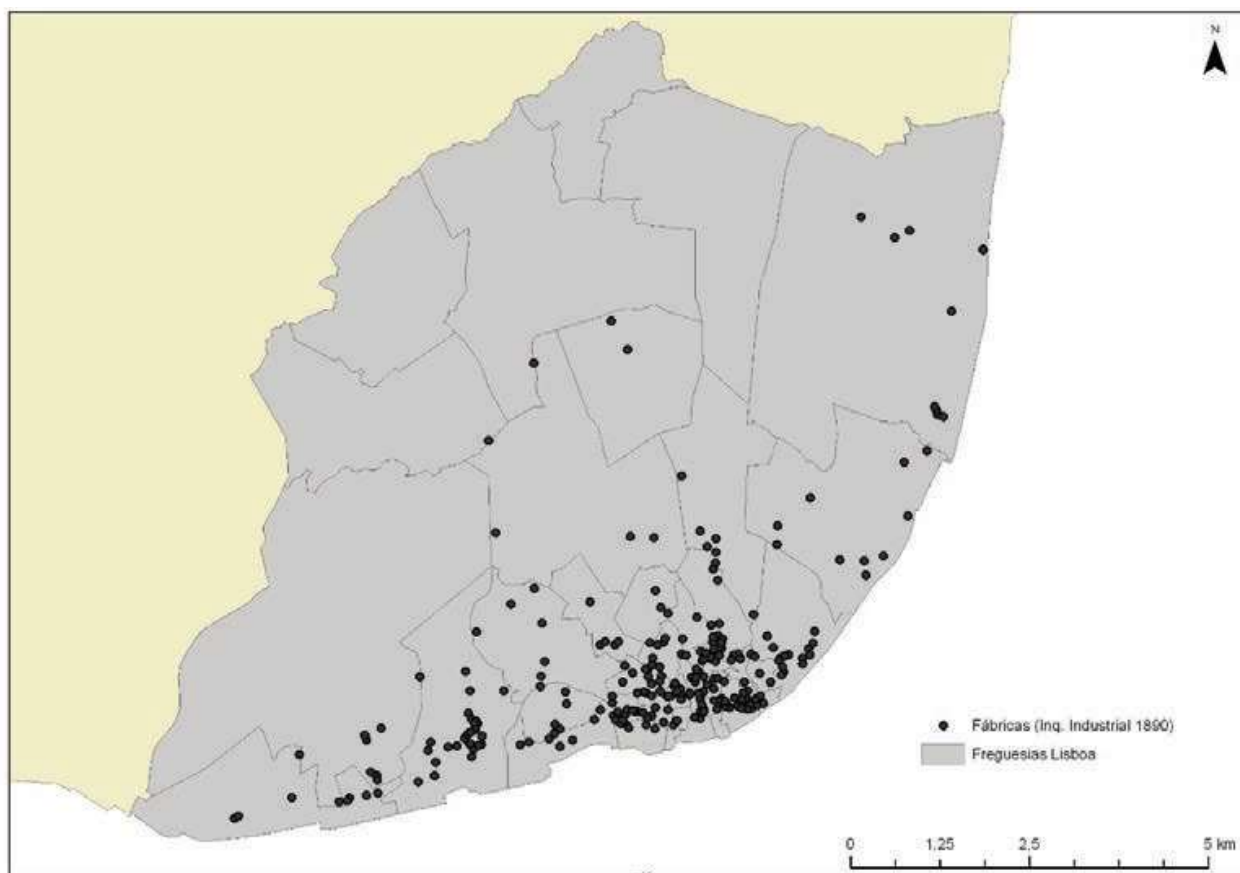
A análise da indústria e dos operários, particularmente da implantação e caracterização dos estabelecimentos industriais e do trabalho operário que neles se operava, apoia-se fundamentalmente na informação contida no *Inquérito Industrial de 1890*. As informações sobre as fábricas de Lisboa, com mais de cinco operários, são de tal forma detalhadas que permitem a localização dos estabelecimentos industriais ao nível da rua, mas também obter informação

⁷ Língua original: Inglês.

⁸ Como por exemplo: Fundo das Associações de Classe (Arquivo do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério da Solidariedade e Segurança Social); Cadastro de Associações Socioprofissionais e Mútuas; Estatutos das Associações de Classe e Recreativas (Arquivo do Governo Civil de Lisboa); Registo de licenças para estabelecimentos de comércio e indústria, 1890-1900; Urbanismo e Obras / Planeamento Urbanístico / Projectos de Arruamentos (Arquivo Municipal de Lisboa).

relativa à sua caracterização (como número de trabalhadores, sector de produção, nº de máquinas a vapor e quantidade de energia utilizada), e à dos operários que lá trabalhavam (através do sexo, faixa etária, alfabetização, rendimento obtido, entre outros).

FIGURA 1 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAS (1890)



Fonte: Elaborada pela autora, 2020.

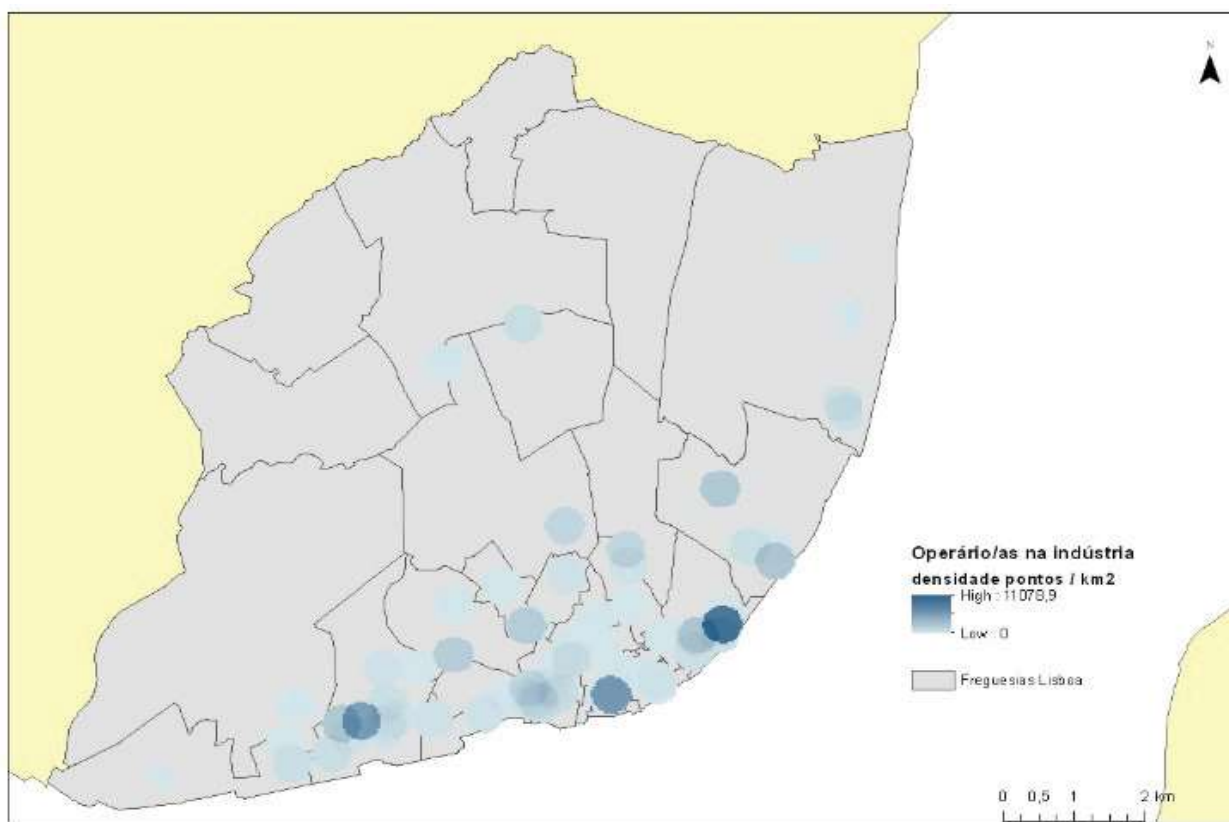
Da análise espacial da localização das fábricas e oficinas (Figura 1) reconhece-se a grande dimensão do polo fabril de Alcântara onde, pela localização dos estabelecimentos industriais, se “lê” o traçado e a importância da ribeira de Alcântara no desenvolvimento industrial desta zona da cidade e o surgimento do segundo polo industrial, na zona oriental da cidade. Mas o que salta à vista é a grande densidade de ocupação industrial no centro da cidade. O centro tradicional e comercial da cidade era também um centro industrial.

A análise espacial da dispersão da energia do vapor (Figura 3) mostra que o seu uso não se circunscrevia aos novos polos industriais ou a grandes fábricas, estando de algum modo difundida por toda a cidade, existindo mesmo nas zonas mais centrais. Os “Têxteis” no seu conjunto eram o setor industrial onde o uso do vapor estava mais difundido. No entanto, muitas fábricas e mesmo pequenas oficinas com outro tipo de produção, como nos “Tabacos”, na “Metalurgia”, na “Alimentação” e no “Papel e Impressão”, também se empregava esta energia. Assim, o uso do vapor não se circunscrevia aos polos industriais de Alcântara e Xabregas ou às grandes fábricas, mas estava de algum modo difundido pela cidade, existindo inclusive na zona histórica e central.

A análise da dimensão das fábricas e oficinas em número de operários permite estudar a dispersão da densidade do trabalho operário (Figura 4)¹⁰ e perceber em que zonas da cidade trabalhavam mais operários e operárias. Embora a densidade das unidades de produção fosse maior no centro (Figura 1), com uma maior concentração de pequenas fábricas e oficinas, os estabelecimentos com mais trabalhadores encontravam-se essencialmente nas novas zonas industriais em afirmação neste período: a zona ocidental e a zona oriental. No entanto, não é de desprezar a concentração de trabalhadores ligados à indústria na zona histórica e mais antiga da cidade.

¹⁰ Para cartografar o trabalho industrial optou-se por calcular a densidade de pontos por quilómetro quadrado, sendo cada ponto valorizado conforme o número total de operários e operárias que trabalhavam em cada fábrica ou oficina referenciada no Inquérito Industrial de 1890. Assim, na Figura 4, as zonas com manchas mais escuras representam áreas onde se concentravam (nos seus locais de trabalho) um maior número de trabalhadores industriais.

FIGURA 4 - OPERÁRIOS/AS NA INDÚSTRIA (1890)

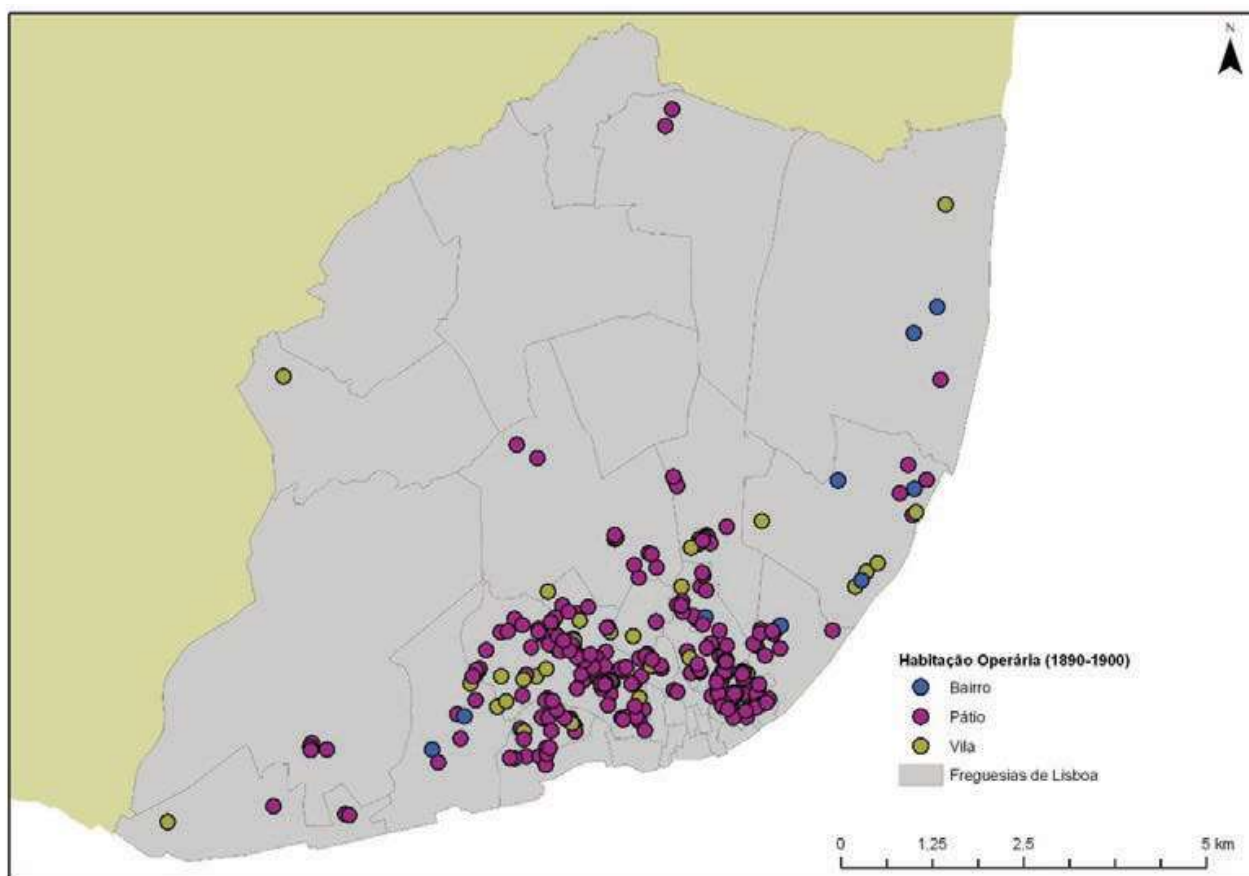


Fonte: Elaborada pela autora (2020).

LOCAIS DE HABITAÇÃO – PÁTIOS, VILAS E BAIRROS OPERÁRIOS

Sabendo-se do aumento demográfico de Lisboa neste período (RODRIGUES, 1995), importa perceber onde e como habitavam os novos lisboetas. A habitação operária não foi enquadrada, a nível estatal, até aos anos 20 do século XX (BARATA, 2010; FERREIRA, 1987), deixando a busca de soluções para privados. Foi dos próprios operários, dos donos de fábricas e de outros proprietários que surgiram iniciativas de construção e/ou adaptação de espaços para habitação dos novos efetivos populacionais que chegavam à capital.

FIGURA 5 - HABITAÇÃO OPERÁRIA (1890-1900)



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

Com base em dados provenientes de diversas fontes da época, que permitem a localização e caracterização da habitação operária – *Inquérito aos pateos de Lisboa; Fundo de Urbanismo e Obras e Processos de Obras* do Arquivo Municipal de Lisboa; relatórios produzidos por instâncias estatais (FUSCHINI, 1884; AZEVEDO, 1905) – cujas falhas e imprecisões foram colmatadas pelo recurso a investigações atuais (DIVISÃO DE REABILITAÇÃO URBANA DOS PÁTIOS E VILAS, 1993; PEREIRA, BUARQUE, 1995), foi construída cartografia digital representando as diferentes formas e núcleos de habitação operária cuja ocupação pode ser confirmada na década de 1890-1900.

A análise espacial da distribuição territorial e a caracterização dos aglomerados de habitação operária e a análise espacial da distribuição destas (Figura 5) revelam uma dispersão muito semelhante à dos estabelecimentos industriais (Figura 1), indicando que o operariado viveria perto dos locais de trabalho. A exceção seria

quem trabalhava mesmo no centro tradicional da cidade. Por imperativos que se prendiam com o preço das rendas, essas pessoas viveriam mais afastados dos seus locais de trabalho, ainda assim não longe do velho centro económico e político da cidade. Conclui-se, portanto, que os espaços industriais e habitacionais se interligavam na geografia urbana da capital neste período.

O estudo da localização das diferentes tipologias da habitação operária (Figura 5) identificadas para esta época – bairros, pátios e vilas operárias – permite afirmar que aquelas que eram construídas de raiz com o propósito de servirem comunidades operárias eram em menor número e estavam, essencialmente, nas novas zonas de crescimento industrial. Este é o caso dos bairros operários e das vilas que, embora construídas também por iniciativa privada de alguns proprietários industriais, por terem menores dimensões, existiam em maior quantidade e estavam mais dispersas pelo tecido urbano.

No entanto, a tipologia de habitação operária que dominava o espaço urbano operário eram os pátios. Estes resultavam, na sua maioria, de construções mais ou menos precárias edificadas em espaços livres nas traseiras de prédios e quarteirões ou do reaproveitamento de espaços e/ou construções anteriores.

Para entender onde realmente viviam as pessoas é necessário analisar a concentração de habitantes em cada polo de habitação operária. A densidade de moradores por aglomerado habitacional (Figura 6)¹¹ intensifica a leitura dada pela dispersão da habitação per si abordada anteriormente (Figura 5). Ou seja, os aglomerados habitacionais com mais moradores encontravam-se em redor do centro histórico e não nas novas áreas industriais. Existindo uma clara intensificação da densidade de moradores nas zonas de Alfama e Sapadores – a oriente do centro – e da Rua de S. Bento e do Rato/Amoreiras – a norte/ocidente –, onde viveriam a maior parte das pessoas da “classe laboriosa”.

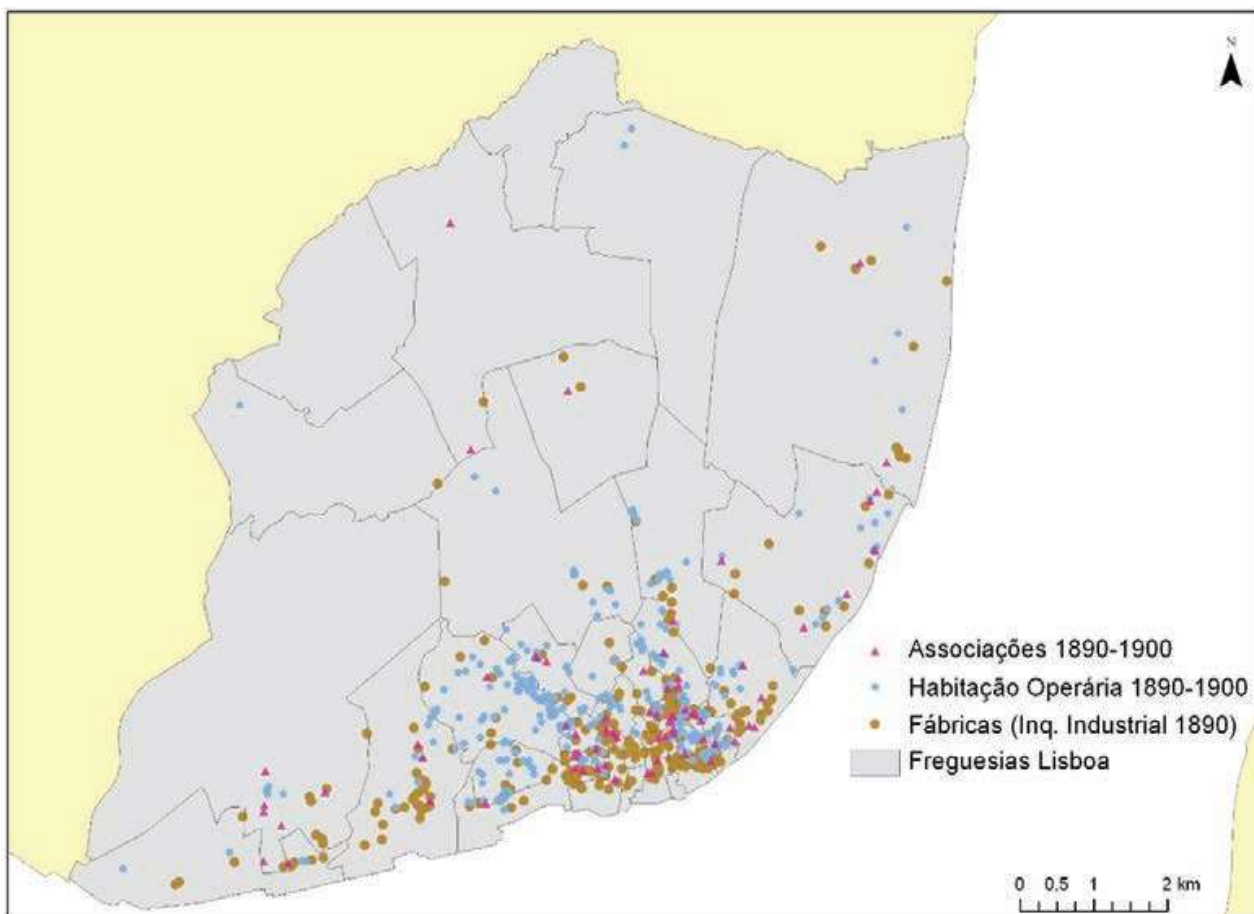
¹¹ Para cartografar a quantidade de moradores em habitações operárias optou-se por calcular a densidade de pontos por quilómetro quadrado, sendo cada ponto valorizado conforme o número total de moradores que viviam em cada núcleo de habitação operária incluída na base-de-dados por nós construída (com base em diversas fontes já referidas). Assim, na Figura 6, as zonas com manchas mais escuras representam áreas onde se concentravam um maior número de habitantes registados em aglomerados habitacionais operários.

A cartografia digital construída a partir dos dados referidos anteriormente permite a análise da disseminação dos diferentes tipos de associações operárias (Figura 7), revelando uma dispersão em grande parte próxima dos locais de habitação operária (Figura 5). O que aponta para que estas organizações – que tinham variadas funções tanto a nível político e reivindicativo como de cariz cultural e de instrução e, até, relacionadas com apoio social e económico – tenham representado um polo agregador das, ou de algumas, comunidades operárias. Esta hipótese é ainda suportada pelo facto das associações de carácter social (cooperativas, mutualistas, sociedades recreativas e musicais) estarem maioritariamente perto das zonas onde se concentrava a habitação das “classes laboriosas” e, por terem propósitos diferentes, as associações de classe e políticas estarem naturalmente mais próximas do centro e dos pontos de decisão económica e política. Destas últimas, as que não estão no centro da cidade situam-se junto às fábricas com muitos operários. Ou seja, as associações de classe concentravam-se perto do poder, junto dos políticos ou dos patrões.

ESPAÇOS DA LISBOA OPERÁRIA E INDUSTRIAL

Das sobreposições e hiatos territoriais destas três vertentes da vivência operária (Figura 8) podemos entender que nesta última década do século XIX existia em Lisboa uma dualidade de contextos que ocupavam diferentes espaços do território da cidade. Duas realidades paralelas numa mesma cidade – por um lado, o centro histórico e, por outro, as periferias industriais.

FIGURA 8 - ESTABELECIMENTOS INDUSTRIAIS, HABITACIONAIS E ASSOCIAÇÕES OPERÁRIAS (1890-1900)



Fonte: Elaborada pela autora (2020).

A zona central, representante de uma realidade industrial “em extinção”, mostrava-se como um “centro industrial” que ainda não se tinha transferido para as periferias industriais em afirmação. Caracterizado por uma heterogeneidade social e económica, com uma indústria muito diversificada em termos setoriais incluída no tecido urbano, na qual a habitação operária se misturava com os palácios e as casas burguesas.

Nas zonas periféricas, a ocidente e oriente da cidade, desponta a “nova cidade industrial”. Caracterizada por uma maior homogeneidade social e de produção fabril, onde a existência de grandes fábricas com tecnologia moderna e alta grande concentração de operários e operárias provocou uma aproximação entre locais de trabalho e de habitação, potenciando uma crescente segregação do espaço urbano.

FUNDOS ARQUIVÍSTICOS CONSULTADOS

- Arquivo do Gabinete de Estratégia e Planeamento do Ministério da Solidariedade e Segurança Social
 - *Fundo das Associações de Classe*
- Arquivo do Governo Civil de Lisboa
 - *Cadastro de Associações Socioprofissionais e Mútuas*
 - *Estatutos das Associações de Classe e Recreativas*
- Arquivo Municipal de Lisboa
 - Núcleo do Arco do Cego
 - *Urbanismo e Obras / Planeamento Urbanístico / Projectos de Arruamentos*
 - Núcleo Histórico
 - *Licenças e Visitas sanitárias (1890-1900)*
 - *Processos de obras*
- Arquivo Nacional Torre do Tombo (IANTT)
 - *Governo Civil de Lisboa (1ª incorporação)*
 - Processos de instalações industriais

REFERÊNCIAS

- Publicações Oficiais

REPARTIÇÃO DE ESTATÍSTICA DO MINISTÉRIO DAS OBRAS
PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA. *Anuário estatístico do reino de Portugal*.
Lisboa: Imprensa Nacional, 1890-1900.

CALDEIRA, P (Coord.). *Anuário comercial de Portugal, Ilhas e Ultramar*. Lisboa, 1890-1900.

DIRECÇÃO DA ESTATÍSTICA GERAL E COMMERCIO. *Censo da população do Reino de Portugal a 1 de Dezembro de 1890*. Lisboa: IN, 1896-1901.

DIVISÃO DE REABILITAÇÃO URBANA DOS PÁTIOS E VILAS. *Câmara Municipal de Lisboa. Plano de Pormenor de Salvaguarda de Pátios e Vilas*. Lisboa: CML, 1993.

FINO, G. C. C. *Collecção de Legislação Industrial*. Lisboa: IN, 1893.

FUSCHINI, A. *Construção de casas económicas e salubres para habitação das classes pobres (Projecto de lei apresentado à Camara dos Senhores Deputados em 16 de Maio de 1884)*. Lisboa: IN, 1884.

- Relatórios e Estatísticas

AZEVEDO, A. *Habitações Operárias em Portugal*: Relatório Coimbra. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1905.

CONSELHO DOS MELHORAMENTOS SANITÁRIOS DO MINISTÉRIO
DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA. *Inquérito aos pateos de
Lisboa*: ano de 1902. Lisboa: IN, 1903.

CONSELHO DOS MELHORAMENTOS SANITÁRIOS DO MINISTÉRIO
DAS OBRAS PÚBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA. *Inquérito aos pateos de
Lisboa*: anno de 1905. Lisboa, IN, 1905.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA.
Direcção Geral do Commercio e Industria. *Inquérito industrial de 1890*. Lisboa: IN, 1891.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PUBLICAS, COMMERCIO E INDUSTRIA.
Inquérito sobre as condições do trabalho manual nas fábricas de tabacos e situação dos respectivos operarios ordenado por Decreto de 23 de Setembro de 1887. Lisboa: IN, 1887.

MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS COMÉRCIO E INDÚSTRIA.
Contribuição para o estudo das casas para Operários. *Boletim do Trabalho Industrial*,
Lisboa, n. 66, 1912.

SIMÕES, J. de Oliveira. Inquirição pelas associações de classe sobre a situação do operariado. *Boletim do Trabalho Industrial*, Lisboa, n. 49, 1910.

- Estudos

ALCÂNTARA, A. Uma geografia da Lisboa operária em 1890. In: PAÇO, A. Simões do; TEIXEIRA, C.; GODINHO, P.; VARELA, R.; PEREIRA. *Atas do I Congresso de História do Movimento Operário e dos Movimentos Sociais em Portugal*. Lisboa: IHC-FCSH-UNL, 2016. p. 38-52. (v. I).

BARATA, A. *Lisboa “caes da Europa”*: realidades, desejos e ficções para a cidade (1860-1930). Lisboa: Edições Colibri, 2010.

BODENHAMER, D. J.; CORRIGAN, J.; HARRIS, T. M. *The Spatial Humanities: GIS and the Future of Humanities Scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010.

ELL, P. GIS, e-Science, and the Humanities Grid. In: BODENHAMER, D. J.; CORRIGAN, J.; HARRIS, T. (Ed.). *The Spatial Humanities: GIS and the Future of Humanities Scholarship*. Bloomington: Indiana University Press, 2010. p. 143-166.

ETHINGTON, P. J. Placing the past: "Groundwork" for a Spatial Theory of History. *Rethinking History*, v. 11, n. 4, p. 465-493, 2007.

FERREIRA, V. M. *A cidade de Lisboa: de capital do Império a centro da Metrópole*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

FRANK, Z. Layers, Fows and Intersections: Jeronymo José de Mello and artisan life in Rio de Janeiro, 1840's-1880's. *Journal of Social History*, v. 41, n. 2, p.307-328, 2007.

GREGORY, I.; ELL, P. S. *Historical GIS: Technologies, Methodologies and Scholarship*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

HEALEY, R. G.; STAMP, T. R. Historical GIS as a Foundation for the Analysis of Regional Economic Growth. *Social Science History*, v. 24, n. 3, p. 575-612, 2000.

KATZNELSON, I. *Working-class formation: Nineteenth-Century Patterns in Western Europe and the United States*. Princeton: Princeton University Press, 1986.

KNOWLES, A. K. Historical GIS: The Spatial Turn in Social Science History. *Social Science History*, v. 24, n. 3, p. 451-470, 2000.

KNOWLES, A. K. *Past Time, Past Place: GIS for History*. California: Esri Press, 2002.

LEFEBVRE, H. *The Production of Space*. Maiden: Blackwell Publishing, 2007.

MOORE, B. *As origens sociais da ditadura e da democracia: senhores e camponeses na construção do mundo moderno*. Lisboa: Edições 70, 2010.

OYÓN, J. L. Obreros em la ciudad: líneas de um proyecto de investigacion en historia Urbana. *Historia Contemporánea*, n. 18, p. 317-345, 1999.

OYÓN, J. L.; PERMANYER, M. S. Historia Urbana: el espácio no es inocente. *Historia Contemporánea*, n. 39, p. 387-401, 2009.

PEREIRA, N. T.; BUARQUE, I. (Fotog.). *Prédios e vilas de Lisboa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1995.

RODRIGUES, T. *Nascer e morrer na Lisboa Oitocentista: migrações, mortalidade e desenvolvimento*. Lisboa: Edições Cosmos, 1995.

